



PUC Minas

Conjuntura Internacional

ano 2 • nº 23 • 23 a 29/10/2005 • ISSN 1809-6182

CENÁRIOS PUC MINAS

Análises

27/10/2005 – Atentados no Irã e no Iraquep.01

Arábia Saudita, Estados Unidos e Reino Unido acusam o Irã: de interferir nos assuntos iraquianos aumentando sua influência sobre os xiitas que após a queda de Saddam Hussein tem gozado de maior poder nas decisões governamentais; de fornecer armas utilizadas em atentados contra soldados britânicos que se encontram no Iraque. O Irã, por sua vez, acusa o Reino Unido de apoiar um atentado que matou cinco pessoas neste mesmo mês de outubro.

28/10/2004 – Terremoto na Região da Caxemirap.05

Um terremoto de 7,6 graus na escala Richter atingiu a Caxemira no início do mês de outubro. Após anos de conflito entre Índia e Paquistão sobre o controle da região, as negociações agora se voltam para ajuda humanitária com uma possível solução histórica: a abertura de pontos na Linha de Controle criada pela Organização das Nações Unidas em 1949.

Resenhas

25/10/2005 – Rumsfeld chega à China e faz alerta quanto a sua expansão militarp.08

Durante uma recente visita a Beijing, o Secretário de Defesa estadunidense, Donald Rumsfeld, disse que os aumentos atuais no orçamento de defesa da China levantam suspeitas sobre as intenções do país. Todavia, segundo o Ministro da Defesa da China, Cao Gangchuan, a prioridade do seu Estado é o crescimento econômico e não o desenvolvimento militar, negando, assim, as despesas exacerbadas com efetivos militares apresentadas por Washington. Rumsfeld reconheceu a China como um país importante na região e cada vez mais importante no mundo.

26/10/2005 – Lech Kaczynski é eleito o novo presidente da Polônia.....p.11

Após uma acirrada campanha durante o segundo turno das eleições presidenciais na Polônia, o conservador Lech Kaczynski do partido "Lei e Justiça" (na sigla em polonês - PiS) é eleito o novo presidente do país para um mandato de 5 anos.

27/10/2005 – Referendo no Iraque aprova a nova Constituiçãop.13

O referendo do dia 15 de outubro de 2005, no Iraque, confirma nova Constituição. Com isso, as eleições no final do ano estabelecerão o novo governo.

27/10/2005 – Região do Cáucaso sofre novos ataquesp.15

Nesta quinta-feira, dia 13 de outubro de 2005, a cidade russa Nalchik, capital da república de Kabardino-Balkari, localizada na região do Cáucaso, sofreu uma série de ataques subseqüentes. Militantes armados lançaram uma operação contra prédios do governo,

aeroporto, entre outros, deixando vários mortos.

27/10/2005 - Gripe aviária avança pela Ásia e Europap.17

Identificado pela primeira vez na China, em 1997, o vírus H5N1 causador da gripe aviária reaparece pela terceira vez na Ásia, e agora também em regiões da Europa. Desde dezembro passado, quando novos surtos da gripe começaram a surgir, 118 casos de contaminação humana foram registrados com 61 vítimas fatais .

Atentados no Irã e no Iraque

Análise
Segurança

Tiago Cerqueira Lazier
27 de outubro de 2005

Arábia Saudita, Estados Unidos e Reino Unido acusam o Irã: de interferir nos assuntos iraquianos aumentando sua influência sobre os xiitas que após a queda de Saddam Hussein tem gozado de maior poder nas decisões governamentais; de fornecer armas utilizadas em atentados contra soldados britânicos que se encontram no Iraque. O Irã, por sua vez, acusa o Reino Unido de apoiar um atentado que matou cinco pessoas neste mesmo mês de outubro.

Devido à sua localização estratégica no instável Oriente Médio, suas grandes reservas petrolíferas e sua tentativa de obter a tecnologia do enriquecimento de urânio, o Irã tem recebido por parte da mídia, bem como das potências mundiais, uma grande atenção. [ver: A questão nuclear no Irã]. No contexto pós 11 de setembro, com o endurecimento da política externa estadunidense, a utilização da denominação “Eixo do Mal” pelo presidente George W. Bush, da qual o Irã faz parte, e, principalmente, a presença militar de uma coalizão liderada pelos Estados Unidos no Iraque, cresceu a importância do Irã para a conjuntura internacional. Nesse sentido, dois pontos têm sido destacados pela mídia e pelas potências mundiais: o relacionamento Irã - Iraque, nesta nova fase após a queda do ditador Saddam Hussein e também a reativação do programa nuclear iraniano. [ver: Irã retoma atividades nucleares].

Como bem colocam analistas, o relacionamento do Irã e do Iraque tem sido marcado pela contradição da suspeita mútua e da admiração, expostas publicamente em diversas situações. O ex-ditador iraquiano Saddam Hussein teria sido, nesta visão, um dos principais empecilhos para um melhor

relacionamento entre os dois países, iniciando inclusive uma guerra que durou praticamente toda a década de 80. Dessa forma, apesar da oposição iraniana à presença militar estrangeira, este país se beneficiou com a instauração do novo regime. [ver: As eleições no Irã].

A cisão do islamismo entre xiitas e sunitas data do ano 632 d.C., referente à questão de sucessão após a morte do profeta Maomé. Os dois grupos possuem divergências internas, sendo que o segundo, apesar de ser maioria no mundo islâmico é minoria tanto no Iraque como no Irã. A queda do ex-ditador Saddam Hussein, de origem sunita, possibilitou que a maioria xiita aumentasse sua influência no governo. Durante o período que Hussein estava no poder, seu governo foi composto por pessoas pertencentes à minoria sunita, que eram leais ao ex-ditador. Portanto, seria normal que com a democracia essa minoria perdesse grande parte de seu poder governamental. Além do mais, os membros da minoria sunita se recusaram a participar da eleição de janeiro de 2005, a partir da qual se compôs o governo interino e a redação da constituição recém-aprovada. [ver: Prazo final da constituição iraquiana é adiado mais uma vez]. Por outro lado, os curdos também são sunitas, embora não sejam

árabes, fazem parte da coalizão governamental. No Irã, os xiitas se mantêm no poder desde a revolução de 1979. De fato, as elites governamentais de ambos os países compartilham esse vínculo, muito embora nos lembrem os analistas que esta conexão não pode ser superestimada e que estes países atuam de forma independente. As alegações por parte da imprensa que apontam para um desejo dos xiitas iranianos controlarem os xiitas iraquianos precisam ser, dessa forma, tomadas com cautela.

Não podemos isolar o relacionamento Irã-Iraque de um contexto mais amplo que inclua as questões nucleares iranianas e o conflito que se instalou com algumas potências mundiais, a ver: Estados Unidos e o grupo E-3 (formado por Alemanha, França e Inglaterra), que o acusam de pretender fabricar armas de destruição em massa. Existe uma grande pressão por parte desses países para se levar à questão para o Conselho de Segurança. O Irã insiste nos fins pacíficos de utilização dessa tecnologia, defendendo que o Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP), do qual é signatário, permitiria a pesquisa em energia nuclear. [Sobre este assunto ver: A pressão estadunidense sobre o programa nuclear iraniano, Relatório da agência nuclear de energia atômica acirra debate nuclear, Resolução Européia sobre Irã é aprovada na AIEA].

Portanto as acusações mútuas precisam ser vistas a partir desse embate, que indicaria um interesse do Irã em manter o foco de atenção internacional no Iraque, bem como uma tentativa das potências já citadas de enfraquecerem o prestígio internacional do país.

No início de outubro, a Arábia Saudita por meio Ministro das Relações Exteriores, Príncipe Saud al-Faisal, acusou o Irã de intervir em assuntos iraquianos, destacando uma possível atuação do mesmo país na disputa entre sunitas e xiitas. Esta preocupação foi reforçada

durante reunião da Liga Árabe, em que se levantou a questão dos xiitas iranianos possuírem grande simpatia entre os novos governantes xiitas iraquianos, em um momento em que os sunitas desse país se sentem marginalizados. Estes são acusados não apenas pelos primeiros, mas também pelos curdos, de serem inflexíveis. Apesar de terem sido chamados a participar das negociações os sunitas rejeitaram.

Como já foi dito anteriormente, estas acusações precisam ser recebidas com cautela, entendidas dentro de um contexto maior que aqui envolveria a balança de poder no Oriente Médio, reveladas no medo saudita, país governado por sunitas, da possibilidade de aumento da influência xiita no Iraque, pelo vácuo de poder que surgiu após a queda de Hussein. As acusações foram negadas pelo Ministro das Relações Exteriores do Irã, Manouchehr Mottaki, dizendo que seu país tem tido uma atitude de colaboração com seus vizinhos iraquianos, que necessitam de ajuda para a reconstrução.

Já a muito tempo, o Iraque vem sofrendo críticas, a diferença da situação atual, além da reativação do programa nuclear iraniano, seria a acusação feita pelo Primeiro-Ministro britânico, Tony Blair, da utilização de armamento iraniano em atentados no Iraque. O Irã afirma que não teria motivos para tentar desestabilizar o país vizinho. O Presidente estadunidense George W. Bush chegou mesmo a dizer que Síria e Irã são aliados na busca de se estabelecer um império islâmico que vai da Espanha a Indonésia, tendo o Iraque como centro.

Alguns Analistas dizem que apesar do Irã ter interesse em não permitir o fortalecimento do Iraque para evitar o aumento da influência xiita não iraniana no meio religioso, a estabilidade deste país é necessária para impedir o movimento separatista curdo que assim poderia reivindicar parte do território iraniano.

Esta explicação pretende dar conta do aparente paradoxo que surge na medida em que os xiitas iranianos são acusados de estender sua influência para dentro do governo iraquiano, por fornecerem armamentos para atentados praticados neste país, já que estes têm sido praticados por sunitas. [ver: Os autores de atentados no Iraque: caracterização e perspectivas]. Nesta ótica, alguns analistas acreditam que o desejo do Irã é um Iraque estável e unido, mas fraco e federativo para que não represente uma ameaça ao Irã; uma vez que este já foi invadido pelo Iraque.

Neste ponto, precisamos retornar as considerações iniciais apresentadas. A influência iraniana não deve ser superestimada, já que o fato de a população iraquiana ser na sua maioria xiita tenderá, através de eleições livres formar um governo de maioria xiita, que apesar de se identificar com o governo iraniano, atua de forma independente.

O fornecimento de armas pelo Irã poderia assim ser indicativo, não de uma tentativa de desestabilizar ainda mais a região, mas sim de desfocar a atenção do programa nuclear iraniano. Mesmo porque, este jogo de influências e busca de poder entre governos se apresenta como parte da política internacional.

De qualquer forma, o governo iraniano se mostrou a favor da aprovação da constituição iraquiana, através do referendo realizado no dia 15 de outubro. Os resultados divulgados no dia 25 do mesmo mês, confirmaram as expectativas iranianas. Líderes sunitas, que estimularam a população a votar contra, consideraram a eleição uma fraude. A comissão eleitoral e a ONU negaram qualquer tipo de manipulação dos resultados. Observadores internacionais acreditam que um importante passo foi dado a favor da democracia iraquiana. Os sunitas temem que a nova constituição crie dois mini-estados ricos, devido ao petróleo, um no norte dominado pelos curdos, e outro no sul dominado pelos

sunitas, deixando o restante desse grupo que habita as demais regiões do país, pobres e sem expressão.

O Líder-supremo iraniano, Aiatolá Khamenei, caracterizou o resultado do referendo como abençoado e incentivou os iraquianos a votarem nas eleições parlamentares de dezembro – o que seria um indício que apesar da oposição do Irã a presença militar estrangeira no Iraque, o Irã se viu beneficiado com a queda do regime de Saddam Hussein. Ademais, comparou os insurgentes que ainda atuam no país ao ex-ditador.

Nesta conjuntura de retomada do programa nuclear iraniano, este país acusou o Reino Unido de participar em um atentado que matou cinco pessoas, ao mesmo tempo em que acusou os Estados Unidos de o perseguirem no Conselho de Segurança. Vinte pessoas foram presas acusadas de participação no atentado. O governo iraniano defende que as evidências demonstram que os materiais e a preparação foram provenientes do exterior.

O Ministro do Interior iraniano, Mostafa Pourmohammadi, disse que o atentado ocorrido em um *shopping center* perto da fronteira iraquiana, na cidade de Ahvaz, faz parte de uma série de explosões planejadas por outros países. Em junho, quatro explosões similares em um pequeno shopping foram praticadas por radicais iranianos, acusados de terem ligação com a inteligência britânica no Iraque. Oito mil e quinhentos soldados britânicos se encontram na fronteira entre estes dois países. Em ambos os casos a embaixada do Reino Unido negou as acusações.

A acusação é feita em um momento em que o Irã precisa se defender no Conselho de Segurança (CS), e deve ser assim compreendida como tendo um duplo objetivo: responder as acusações britânicas de envolvimento iraniano em atentados no Iraque; enfraquecer as críticas estadunidenses, principalmente no

âmbito do CS, acusando o Estados Unidos de tentar se sobrepor às leis internacionais.

Referência

Sites:

Aljazeera -

<http://english.aljazeera.net>

BBC -

<http://www.bbc.com>

Washington Post -

<http://www.washingtonpost.com>

Ver também:

03/03/2005 - [Os autores de atentados no Iraque: caracterização e perspectivas](#)

16/06/2005 - [A questão nuclear no Irã](#)

01/07/2005 - [As Eleições no Irã](#)

25/08/2005 - [Prazo final da constituição iraquiana é adiado mais uma vez](#)

29/08/2005 - [Irã retoma atividade nuclear](#)

31/08/2005 - [A pressão estadunidense sobre o programa nuclear iraniano](#)

14/09/2005 - [Relatório da Agência Internacional de Energia Atômica sobre o Irã acirra debate nuclear](#)

29/09/05 - [Resolução européia sobre o Irã é aprovada na AIEA](#)

Terremoto na Região da Caxemira

Análise
Segurança / Integração Regional

Carolina Dantas Nogueira
28 de outubro de 2005

Um terremoto de 7,6 graus na escala Richter atingiu a Caxemira no início do mês de outubro. Após anos de conflito entre Índia e Paquistão sobre o controle da região, as negociações agora se voltam para ajuda humanitária com uma possível solução histórica: a abertura de pontos na Linha de Controle criada pela Organização das Nações Unidas em 1949.

Os habitantes da Caxemira amanheceram no dia 8 de outubro de 2005 com uma nova preocupação: um terremoto classificado como 7,6 graus na escala Richter. Em uma escala que varia de 0 a 9 graus, um terremoto de 7,6 é considerado intenso e com danos de grande extensão.

O epicentro do terremoto foi registrado a poucos quilômetros da capital da Caxemira paquistanesa, Muzaffarabad. Contudo, ocorreram ainda diversas réplicas (tremores secundários) nos dias subseqüentes e um novo terremoto com epicentro no mesmo local de 5,6 graus na escala, uma semana após o primeiro.

A área atingida afetou tanto a Caxemira paquistanesa quanto a parte indiana além de cidades próximas. O segundo tremor chegou até a capital do Paquistão, Islamabad. De acordo com o chefe do departamento de meteorologia do Paquistão, Qamaruz Zaman, já foram oficialmente confirmadas 746 réplicas sendo que muitas tiveram mais de 5 graus na escala Richter.

O saldo oficial logo após os primeiros tremores indicava cerca de 40 mil mortos no lado paquistanês e 1.300 no lado indiano. Todavia, apenas vinte dias após o ocorrido a contagem já chega a centenas

de milhares e especula-se que no longo prazo este número suba ainda mais, uma vez que pouca ajuda consegue chegar à região, seja oficial ou voluntária. Membros da Organização das Nações Unidas (ONU) que atuam na região, afirmam que mais de 500 mil pessoas podem falecer se não receberem auxílio imediato. A fome e a propagação de doenças são os principais fatores agravantes pois as condições de higiene são inexistentes uma vez que tudo foi destruído, restando apenas ruínas.

O resgate das vítimas da Caxemira, segundo o diretor do Programa de Agricultura e Alimentação da ONU (FAO), James Morris, é um dos mais difíceis na atualidade, pois muitos habitantes vivem em localidades em que o acesso é quase impossível. Não foi registrada nenhuma epidemia mas a falta de água potável e condições higiênicas aumenta o risco de morte por febre tifóide. O governo Paquistanês tem usado a ajuda de helicópteros e animais para o transporte de material necessário para estas regiões, mas a condição de acesso aos locais se torna complicada porque pontes e estradas foram destruídas, os helicópteros não conseguem pousar na região e a rede de comunicação também foi praticamente toda destruída.

O governo indiano enviou medicamentos,



cobertores e barracas para a região paquistanesa da Caxemira logo após o primeiro tremor de terra, em resposta a igualmente rápida ajuda que o governo paquistanês enviou à Índia quando do terremoto que atingiu o estado indiano de Gunjarat em 2001. Os Estados Unidos enviaram 12 helicópteros para auxílio no transporte de pessoas e medicamentos e a ONU ampliou suas atividades na região. A organização estima que 4 milhões de pessoas foram afetadas pelo terremoto e lançou um apelo por US\$270 milhões para as atividades imediatas. A distribuição da ajuda internacional está sendo coordenada pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

Linha de Controle

A tensão na região da Caxemira remonta desde a época da criação tanto da Índia quanto do Paquistão enquanto Estados. Com a independência do subcontinente indiano em 1947, centenas de principados tiveram que optar pela integração a uma dos dois Estados. No entanto o resultado da divisão não foi bem recebido pelas partes e como uma tentativa de solucionar o conflito, em 1949, a ONU criou a Linha de Controle (LoC *sigla em inglês*), colocando a região de Jammu e Caxemira para a Índia e a Azad Caxemira para o Paquistão.

A linha de Controle possui 800 km de extensão em formato curvilíneo e não segue uma lógica geográfica. Além disso, divide povoados, vilas e famílias. Tanto Índia quanto Paquistão a consideram uma divisão temporária, mas após 50 anos, a almejada paz ainda não foi alcançada e tampouco tencionam ceder nas negociações.

Nos anos 80, o conflito se agravou com o crescimento do movimento separatista na Caxemira indiana. Seus integrantes querem ou a anexação ao Paquistão ou a independência do território. Nos anos 90,

creceu o número de guerrilheiros paquistaneses apoiadores do movimento separatista e, no lado indiano, acirrou-se a repressão militar.

Atualmente diversas rodadas de negociação são realizadas mas nenhuma das partes admite a perda de território ou ceder de alguma forma. Além disso é uma justificativa para a militarização de ambos os países. Índia e Paquistão já possuem armamento nuclear e continuam investindo maciçamente em tecnologia bélica.

O terremoto do dia 8 de outubro modificou o panorama das negociações em andamento desde 2003 [ver [Paz na Caxemira: será?](#)]. Índia e Paquistão propuseram a construção de centros de apoio ao resgate das vítimas ao longo da LoC além de servirem de base para que as famílias possam ter notícias de seus parentes.

O Presidente do Paquistão, Pervez Musharraf, propôs não somente a criação de centros de apoio, mas a abertura da LoC. Em resposta, a Índia propôs a abertura de 3 pontos ao longo da LoC para facilitar a distribuição de medicamentos e alimentos. O Paquistão então propôs a criação de 5 centros de apoio para agilizar a distribuição do material adquirido através destas aberturas. No momento, as propostas estão sendo avaliadas por seus respectivos ministros das relações exteriores e todos os esforços se voltam para o resgate das vítimas e auxílio humanitário.

Em meio ao caos pós-terremoto, o Ministro da Educação indiano, Gulam Nabi Lone, foi morto a tiros em um ataque à sua residência em Srinagar, no estado indiano de Jammu e Caxemira, equivalente à parte indiana da Caxemira. A responsabilidade do ataque foi reivindicada pelo grupo militante paquistanês, Frente Islâmica, que tenta mostrar que seus membros não estão feridos ou mortos pelo terremoto e que ainda podem agir caso as negociações de

paz tomem rumos inesperados. Além disso, a presença mais ativa do exército estadunidense na região contribui para uma maior cautela nas negociações.

A abertura da LoC representa um movimento sem precedentes na história do conflito. Desde 1949, a Linha de Controle encontra-se fechada e diversos ataques ocorreram na região. Embora a proposta do presidente paquistanês tenha sido rejeitada, o governo indiano respondeu de forma positiva à proposta dos centros de apoio ao longo da LoC e estuda em quais pontos as aberturas seriam realizadas. A ajuda enviada ao Paquistão pela Índia não foi interrompida com as negociações sobre a abertura de pontos na LoC, mas negociações sobre uma possível paz na caxemira ainda estão paralisadas e longe de alguma resolução.

Pakistan Observer

<http://www.pakobserver.net/>

Ver também:

26/08/2004 - [Paz na Caxemira: será?](#)

Referência

Sites:

Folha On-line

<http://ww.folha.uol.com.br/>

BBC

<http://news.bbc.co.uk>

The Hindu

<http://www.hindu.com/>

International Herald Tribune

<http://www.ihb.com/>

Washington Post

<http://www.washingtonpost.com/>

International Crisis Group

<http://www.crisisgroup.org/home>

The Boston Globe

<http://www.boston.com/>

Reuters AlertNet

<http://www.alertnet.org/>

Terra

<http://www.terra.com.br/>

Kashmir Observer

<http://www.kashmirobsver.com/>

Rumsfeld chega à China e faz alerta quanto a sua expansão militar

Resenha
Segurança

Carolina Andressa S. Lima
25 de Outubro de 2005

Durante uma recente visita a Beijing, o Secretário de Defesa estadunidense, Donald Rumsfeld, disse que os aumentos atuais no orçamento de defesa da China levantam suspeitas sobre as intenções do país. Todavia, segundo o Ministro da Defesa da China, Cao Gangchuan, a prioridade do seu Estado é o crescimento econômico e não o desenvolvimento militar, negando, assim, as despesas exacerbadas com efetivos militares apresentadas por Washington. Rumsfeld reconheceu a China como um país importante na região e cada vez mais importante no mundo.

O Secretário de Defesa estadunidense, Donald Rumsfeld, afirmou que a China precisa explicar ao mundo, de forma clara, a ampliação do seu arsenal de mísseis. Acrescentou acreditar que o país esteja ampliando o alcance de seus mísseis de forma a cobrir a maior parte do mundo. Os avanços na capacidade estratégica de ataque chinês dariam motivos para preocupação, principalmente quando há uma compreensão imperfeita dos outros Estados quanto a estes fatos. Como resultado da incerteza, no tocante aos atuais arsenais de mísseis, vários países com interesses na região estariam especulando sobre as verdadeiras intenções da China.

Donald Rumsfeld chegou à China no dia 18 de outubro de 2005, em sua primeira visita ao país asiático desde que assumiu seu cargo, em 2001. Durante sua estadia de três dias no país, Rumsfeld se reuniu com o presidente da China, Hu Jintao, e com o Ministro da Defesa, Cao Gangchuan, com quem discutiu sobre as relações bilaterais, Taiwan e a crise nuclear norte-coreana.

A preocupação particular estadunidense é com o acúmulo de mísseis direcionados a Taiwan, tendo sido ameaçados de uso caso Taiwan se movesse a um processo de independência formal. Embora Washington reconheça uma única China, o apoio dos Estados Unidos a Taiwan em matéria de defesa no caso de a ilha ser atacada não é visto com bons olhos por Beijing. Taiwan, que é considerada parte do território chinês, tem um governo próprio e clama por independência da China desde 1949, sendo vista por Beijing como uma província separatista. Em março, o governo chinês decretou a "Lei Anti-Secessão", que permite um ataque contra a ilha em caso de esta proclamar sua independência. [ver: [A nova lei anti-secessão e as relações entre a China e Taiwan](#)]

Rumsfeld efetuou uma visita, nunca antes permitida, ao centro de comando dos mísseis nucleares estratégicos chineses, o Quartel-General das Forças de Mísseis Estratégicos, cujo comandante Jing Zhiyuan reiterou a política de "não utilizar primeiro" armas nucleares. Os responsáveis pelo Departamento de Defesa interpretaram a afirmação como

uma emenda a uma declaração feita em junho por um responsável militar chinês, o qual disse que, caso ocorresse uma crise por causa de Taiwan, e os Estados Unidos atacassem a China, provavelmente a China teria de responder com armas nucleares.

Outro assunto tratado por Rumsfeld foi a próxima rodada de diálogos sobre os programas de desarmamento nuclear da Coreia do Norte. É esperado que esta rodada – que inclui Japão, Estados Unidos, Rússia, China, Coreia do Norte e Coreia do Sul – ocorra no próximo dia 8 de novembro. A China seria o maior aliado de Pyongyang (capital da Coreia do Norte), e por isso Rumsfeld teria buscado tratar com os oficiais chineses sua possível posição antes desta rodada. [Ver: [A Crise Nuclear Norte-Coreana](#)]

De acordo com informações do Departamento de Defesa estadunidense, o presidente chinês disse a Rumsfeld que, apesar de a relação militar entre a China e os Estados Unidos ter melhorado, existe ainda espaço para ser aperfeiçoada. “Isso poderá contribuir para que as forças militares dos nossos dois países melhorem a compreensão e amizade mútuas”, disse Hu Jintao durante a reunião que decorreu no Grande Palácio do Povo.

Antes, num encontro com o Ministro da Defesa chinês, Rumsfeld tinha dito que o secretismo, ritmo e profundidade da expansão militar chinesa levantavam suspeitas à comunidade internacional. Cao Gangchuan negou a expansão militar da China dizendo que os gastos com o melhoramento do nível de vida das populações pobres do país inviabilizava grandes aumentos no orçamento para defesa. O ministro, que classificou as conversações com Rumsfeld como francas, pragmáticas e construtivas, negou também qualquer secretismo no orçamento da defesa nacional, que Beijing diz estar todo declarado no Livro Branco da Defesa da China publicado anualmente. “O verdadeiro orçamento tal

como o temos hoje é 30 bilhões de dólares (25 bilhões de euros) para defesa, embora o orçamento para missões espaciais esteja fora desse número”, disse Cao.

Entretanto, em julho de 2005, um relatório do Pentágono estimava as despesas militares chinesas em mais de 90 bilhões de dólares (cerca de 75 bilhões de euros), transformando-o no orçamento militar mais importante da Ásia e o terceiro em nível mundial, logo atrás dos Estados Unidos e da Rússia. Por isso, durante a viagem para Beijing, Rumsfeld afirmou às agências noticiosas internacionais que a China poderia estar gastando três vezes mais que os 30 bilhões de dólares anunciados. [Ver: [Uzbequistão: decisão política sinaliza mudanças na região da Ásia Central](#)]

A saída do encontro, entre o ministro de defesa chinês e Rumsfeld, serviu para reiniciar o diálogo a alto nível entre responsáveis pela defesa dos dois países, sobre o incidente do avião espião em 2001. Em abril daquele ano, um caça chinês colidiu em pleno ar com um avião espião EP-3 estadunidense, ao largo da ilha de Hainão. A China só liberou o avião e os pilotos depois de demoradas negociações que envolveram os mais altos níveis de ambos os governos.

Segundo alguns analistas, o Secretário de Defesa estadunidense estaria ainda abrindo as portas para a visita do Presidente estadunidense George W. Bush a este país no final de novembro de 2005. Além disso, eles acreditaram que a visita de Rumsfeld ajude a melhorar as relações entre os exércitos de ambos os países.

Referência

ABC News -

<http://abcnews.go.com>

BBC News -

<http://www.bbc.co.uk>

China View -

<http://www.xinhuanet.com>

Folha Online -

<http://www.folha.uol.com.br>

The Guardian -

<http://www.guardian.co.uk>

Washington Post -

<http://www.washingtonpost.com>

Ver também:

15/04/2005: [A nova lei anti-secessão e as relações entre a China e Taiwan](#)

19/08/2005: [A Crise Nuclear Norte-Coreana](#)

28/09/2005: [Uzbequistão: decisão política sinaliza mudanças na região da Ásia Central](#)

Lech Kaczynski é eleito o novo presidente da Polônia

Resenha
Segurança

Rafaella Arruda Melo Pereira
26 de outubro de 2005

Após uma acirrada campanha durante o segundo turno das eleições presidenciais na Polônia, o conservador Lech Kaczynski do partido "Lei e Justiça" (na sigla em polonês - PiS) é eleito o novo presidente do país para um mandato de 5 anos.

Com 54,04% dos votos, Lech Kaczynski foi eleito o novo presidente polonês no segundo turno das eleições realizado no dia 23 de outubro de 2005. Seu principal rival na disputa, o candidato da "Plataforma Cívica" (na sigla em polonês - PO) Donald Tusk, alcançou 45,96% da preferência dos eleitores. Tal resultado se opôs à vitória obtida por Tusk no primeiro turno, onde o mesmo conquistou 36% dos votos contra os 33% alcançados por Kaczynski.

O presidente polonês, agora representado na figura de Lech Kaczynski, possui, segundo a Constituição Nacional, os poderes para comandar as Forças Armadas, influir majoritariamente sobre as políticas econômica e externa e também vetar medidas legislativas.

A vitória de Kaczynski pelo partido "Lei e Justiça", o PiS, representa a formação de uma parceria inédita na política polonesa, uma vez que o irmão gêmeo do novo presidente, o líder Jaroslaw Kaczynski, comanda o partido que foi também o vencedor das eleições parlamentares realizadas no país no dia 25 de setembro de 2005. Mesmo com a indicação de Kazimierz Marcinkiewicz pelo PiS ao posto de primeiro-ministro da Polônia em detrimento de Jaroslaw, atitude que se

configurou uma estratégia de apoio à candidatura presidencial de Lech, a grande probabilidade, segundo analistas, é de que os dois irmãos dominem parte essencial da agenda política do país (ver também: [As eleições parlamentares e presidenciais na Polônia](#)).

O resultado das eleições presidenciais polonesas deve representar, segundo a opinião de grande parte dos analistas políticos, a adoção de uma política externa mais firme, principalmente no que diz respeito às relações com os vizinhos e antigos inimigos alemães e russos. Esse posicionamento garantiu a Kaczynski o suporte eleitoral de cidadãos idosos que mantêm a ressentida memória da invasão do país pelos nazistas alemães durante a 2ª Guerra Mundial e do domínio soviético durante a Guerra Fria. De qualquer modo, apesar de tal posicionamento político, Kaczynski garante que almeja manter boas relações com Alemanha e Rússia, planejando até mesmo a visita do Presidente russo Vladimir Putin a seu país.

Uma política externa mais incisiva reflete também uma maior defesa dos interesses nacionais da Polônia, interesses que serão fortemente defendidos, inclusive no âmbito da União Européia. Apesar de

Kaczynski reconhecer alguns ganhos obtidos pelo país como membro do bloco ao qual se uniu em maio de 2004, o presidente eleito se opõe a uma integração ainda maior, sendo contrário ao Tratado Constitucional Europeu assim como o foram França e Holanda.

Em relação à política doméstica, Lech Kaczynski, até então prefeito da capital polonesa Varsóvia, prometeu durante a campanha reduzir a burocracia pública, pôr fim à corrupção política (principalmente dos oficiais comunistas) e preservar os valores da Igreja Católica através do impedimento do aborto e dos casamentos entre homossexuais. Além disso, Kaczynski apóia também a implementação de amplos programas sociais que visem à melhoria dos benefícios familiares, dos rendimentos de pensão e dos níveis de emprego.

Segundo analistas, essas medidas propostas por Kaczynski garantiram grande parte do suporte eleitoral que o levou à vitória; suporte advindo da população rural, dos desempregados e também dos defensores de valores morais católicos. Além desses, parte importante da geração jovem também aderiu às propostas do até então candidato presidencial, apoiando principalmente a defesa dos interesses do país no âmbito internacional, o que tenderia a afastar o temor de que o país perdesse gradualmente sua identidade nacional através da integração européia.

O novo presidente polonês, que assumirá papel crucial no que diz respeito à retirada ou não das tropas polonesas (em torno de 1500 soldados) instaladas na região do Iraque como parte do apoio à coalizão estadunidense, sugere que a retirada deverá ser adiada apenas se os Estados Unidos prometerem mais ajuda financeira e maior facilidade de concessão de vistos aos poloneses. Do contrário, as tropas devem retornar ao país, como deseja a maioria da população, já no início de 2006.

O Presidente estadunidense George W. Bush e o recém eleito presidente Lech Kaczynski devem se encontrar logo após o Ano Novo para darem continuidade a essas e outras negociações.

Um dia após a decisão das eleições presidenciais, os representantes dos partidos vitoriosos das eleições parlamentares (PiS e PO) iniciaram os trabalhos que irão definir a nova coalizão parlamentar e o novo Primeiro-Ministro polonês.

Referência

Sites:

Embassy of the Republic of Poland in Washington D.C.

<http://www.polandembassy.org/>

Folha On-line

<http://www.folhaonline.com.br/>

International Herald Tribune

<http://www.iht.com/>

The Guardian

<http://www.guardian.co.uk/>

The State

<http://www.thestate.com/>

Washington Post

<http://www.washingtonpost.com/>

World News

<http://www.wn.com/>

Ver também:

05/10/2005 - [As eleições parlamentares e presidenciais na Polônia](#)

Referendo no Iraque aprova a nova Constituição

Resenha
Segurança

Wesley Robert Pereira
27 de outubro de 2005

O referendo do dia 15 de outubro de 2005, no Iraque, confirma nova Constituição. Com isso, as eleições no final do ano estabelecerão o novo governo.

A população iraquiana confirmou em referendo a nova Constituição do país, que ainda precisa ser ratificada pelo Congresso do Iraque (Conselho dos Representantes), a ser eleito em 15 de dezembro de 2005. O órgão encarregado desse referendo, a Comissão Eleitoral Independente do Iraque (CEII), divulgou os resultados dez dias após a consulta popular ocorrida no dia 15 de outubro de 2005.

Segundo a CEII, duas condições foram necessárias para a aprovação dessa Constituição: o referendo nas dezoito regiões administrativas do país (províncias) contou com uma maioria simples de votos e, segundo, menos de três províncias não rejeitaram por dois terços essa Constituição. Em números, 78% dos eleitores responderam sim à pergunta: *você aprova o projeto da Constituição do Iraque?* Três províncias rejeitaram a Constituição sendo duas com mais de dois-terços, Anbar (97%) e Salahadden (82%), e uma por maioria simples, Ninewa (55%).

O sistema político e eleitoral no Iraque mudou bastante desde a queda do governante do país, Saddam Hussein, em março de 2003. Atualmente, o país está sob a vigência de uma constituição provisória, assinada em 08 de março de 2005 [ver [Prazo final da Constituição](#)

[iraquiana é adiado mais uma vez](#)].

A coalizão liderada pelos Estados Unidos (EUA) formou a Autoridade Provisória da Coalizão (CPA, sigla em inglês) em meados de 2003 para administrar o país. Em 28 de junho de 2004, a CPA transferiu a soberania do país para o governo interino e em janeiro de 2005 ocorreram eleições parlamentares para a escolha dos 275 membros que criaram essa nova Constituição para o país. Esse documento foi elaborado entre maio e agosto de 2005 e o referendo em 15 de outubro do mesmo ano.

Em 13 de outubro, o porta-voz do Departamento de Estado dos EUA, Adam Erel, disse em entrevista que a democracia no Iraque está se institucionalizando em “importantes caminhos”. E mostrou como evidência desse fortalecimento da democracia o aumento do número de eleitores registrados de janeiro (14,3 milhões) a outubro (15,6 milhões). Para Erel, mesmo com o que se possa dizer da situação de instabilidade entre os grupos étnico-religiosos no país, o indicador número de eleitores é mais significativo do que o número de assassinatos com fins políticos como medida de institucionalização da democracia. Quinhentos monitores internacionais observaram o referendo e os eventos após sua realização.



Com a liberalização dos dados pela CEII, percebe-se que 63% dos 15,6 milhões de eleitores registrados compareceram às urnas. Dessa forma, a nova Constituição iraquiana contou com presença de 9,8 milhões de eleitores e de 7,7 milhões aprovando-a.

A outra opção, o “Não”, manteria o país sob a Constituição interina. A Assembléia responsável pela elaboração do documento seria dissolvida e as eleições em 15 de dezembro de 2005 seriam realizadas para a escolha de uma outra assembléia responsável pela elaboração de outra constituição.

Porém, como confirmada no referendo, o próximo passo são as eleições nacionais marcadas para a mesma data das próximas eleições com a diferença de que estará sob a vigência dessa nova Constituição. O novo governo assumirá em 31 de dezembro.

Referência

WELSH, Steven C. **Iraq Constitutional Referendum**. Center for Defense Information, 17 de outubro de 2005. Disponível em <http://www.cdi.org/>. Acesso em 25 de outubro de 2005.

Sites:

CIA - The Factbook - <http://www.cia.gov/cia/publications/factbook/index.html>

Comissão Eleitoral Independente do Iraque - http://www.ieciraq.org/English/Frameset_english.htm

Departamento de Estado dos EUA - <http://www.state.gov>

Ver também:

15/04/2003 - [A Segunda Guerra do Golfo e a unidade Árabe](#)

03/03/2005 - [Os autores dos atentados no Iraque: caracterização e perspectivas](#)

25/08/2005 - [Prazo final da Constituição iraquiana é adiado mais uma vez](#)

Região do Cáucaso sofre novos ataques

Resenha
Segurança

Fernanda Assunção Soares
27 de outubro de 2005

Nesta quinta-feira, dia 13 de outubro de 2005, a cidade russa Nalchik, capital da república de Kabardino-Balkari, localizada na região do Cáucaso, sofreu uma série de ataques subseqüentes. Militantes armados lançaram uma operação contra prédios do governo, aeroporto, entre outros, deixando vários mortos.

Na quinta-feira, dia 13 de outubro de 2005, a cidade russa Nalchik sofreu uma série de ataques coordenados. Nos sucessivos ataques, iniciados as nove da manhã, grupos de homens armados atacaram três estações policiais, o aeroporto da cidade, as sedes regionais do Ministério do Interior e do Serviço de Segurança Federal e a rede de telefone local. Segundo a agência de notícias ITAR-Tass, reféns foram mantidos pelos atacantes em uma loja de suvenires e em uma das estações policiais.

O Ministro do Interior, Rashid Nurgaliyev, disse que 1.5 mil soldados russos e 500 agentes das forças especiais foram enviados à cidade juntamente com helicópteros, que ficaram responsáveis pela patrulha. O confronto com as forças policiais deixou, segundo notas oficiais, 137 mortos. Oficiais do governo disseram que todos os reféns foram libertados e que pelo menos sessenta e um militantes foram mortos durante a operação.

No dia dos ataques, o Presidente russo Vladimir Putin ordenou o fechamento das entradas e saídas da cidade de Nalchik, dando permissão aos policiais de atirarem em qualquer resistente armado.

Não se sabe ao certo o número de rebeldes envolvidos na operação, ma acredita-se que este número varie entre sessenta e

trezentos. Segundo o site checheno Kavkaz Centre Web Site, um grupo conhecido como Frente do Cáucaso assumiu a responsabilidade pelas ações. O site diz que o grupo é parte das Forças Armadas da República Chechenia, e incluem o Yarmuk, um grupo militante islâmico baseado em Kabardino-Balkaria.

Shamil Basayev, líder da guerrilha chechena, afirmou que supervisionou pessoalmente os ataques-surpresa. Disse que os ataques foram realizados pelos militantes afiliados aos rebeldes chechenos, mas que estes não estavam diretamente envolvidos. A declaração indicaria, segundo alguns analistas, um esforço em estabelecer células de militantes em toda a região do Cáucaso que seguissem as orientações de Basayev.

A cidade de Nalchik possui 235 mil habitantes e é a capital da república de Kabardino-Balkaria, localizada no norte do Cáucaso, região esta que vêm sendo caracterizada por certa instabilidade. Desde o início da década de noventa, a violência na região vêm crescendo significativamente. Os rebeldes chechenos, responsáveis em grande parte por essa escalada de violência, consistiam, originalmente, em um movimento separatista que, no entanto, se misturou com extremistas islâmicos e se espalhou para além das fronteiras da

Chechênia. Em Beslan, a apenas 100 km de Nalchik, rebeldes fizeram centenas de reféns em uma escola em 2004, numa operação que deixou mais de 330 mortos. Já em Ingushetia, outra república do Cáucaso, ataques simultâneos semelhantes aos ocorridos em Nalchik deixaram noventa e duas pessoas mortas no ano passado.

Quanto às causas do atual ataque há algumas controvérsias. O ministro Alexander Chekalin declarou que os ataques de quinta-feira teriam começado após a polícia ter lançado uma operação para capturar dez militantes em um subúrbio de Nalchik, sendo os ataques uma forma de desviar atenção da polícia. Já a agência de notícias russa Ria Novosti, afirmou que o ataque foi motivado pela prisão, na quarta-feira anterior, de pelo menos um militante extremista, e que seus companheiros estariam tentando resgatá-lo.

O chefe da Procuradoria da República, Yuri Ketov, negou, entretanto, essas afirmações, dizendo que o ataque foi cuidadosamente planejado e preparado e que não deveria ser interpretado como uma resposta dos rebeldes à operação policial especial que ocorreu no dia anterior. O presidente da república concordou com ele e disse que a ação foi preparada durante um longo período.

Um analista do *Carnegie Moscow Center* disse que os ataques também poderiam ter resultado de divisões entre os radicais islâmicos sobre a possibilidade de diálogo com o novo presidente da república, Arsen Kanokov, que foi nomeado por Putin e aprovado pelo parlamento local no dia 28 de setembro de 2005.

Os ataques de quinta-feira aconteceram em um período em que ocorre uma campanha regional visando acabar com o extremismo islâmico, que os oficiais russos descrevem como *Wahhabism*, termo que provém do setor islâmico com origens na Arábia Saudita. Alguns disseram, no entanto, que a campanha teria capturado

inocentes, uma vez que teria qualquer muçulmano como alvo. Analistas acreditam que tal somente contribuiu para aumentar ainda mais o número de militantes que o governo tenta combater na região.

Referência

Sites:

BBC Brasil

<http://www.bbc.co.uk/portuguese/>

CNN

<http://www.cnn.com/>

Folha On Line

<http://www.folha.uol.com.br/>

Kavkaz Centre

<http://www.kavkazcenter.com/eng/>

RIA Novosti News Service-

<http://en.rian.ru/>

The Washington Post

<http://www.washingtonpost.com/>

Ver também:

23/09/2004 - [Redefinição de esferas de influência no Cáucaso: as questões tchetchena e georgiana](#)

09/09/2004 - [Tensão no Cáucaso](#)

Gripe aviária avança pela Ásia e Europa

Resenha
Desenvolvimento / Segurança

Silvia Helena Guilherme Canêdo
27 de outubro de 2005

Identificado pela primeira vez na China, em 1997, o vírus H5N1 causador da gripe aviária reaparece pela terceira vez na Ásia, e agora também em regiões da Europa. Desde dezembro passado, quando novos surtos da gripe começaram a surgir, 118 casos de contaminação humana foram registrados com 61 vítimas fatais .

O vírus H5N1, que matou mais de 60 pessoas na Ásia desde 2003, já foi detectado este ano na Rússia, Romênia, Turquia, Grécia e Croácia. Sua propagação ocorre, principalmente, através de aves migratórias.

A confirmação de aves contaminadas nesses países fez com que a Comissão Européia [ver, [União Européia: estrutura institucional](#)] banisse as exportações de aves vivas e de alguns produtos derivados de aves, de forma a tentar barrar a disseminação do vírus na Europa. O governo da Sérvia e Montenegro também reforçou sua fronteira com barreiras sanitárias para a desinfecção dos veículos provenientes da Croácia.

Segundo cientistas, seres humanos adquirem a doença quando têm contato direto com aves infectadas, ou com objetos contaminados por suas fezes. A maior parte dos casos registrados ocorre em áreas rurais, onde moradores mantêm pequenas granjas sem ter, no entanto, a higiene necessária para criar as aves. Além disso, o contato com carne não cozida das aves - bem como sua preparação - podem provocar a infecção.

Contudo, na medida em que o inverno no hemisfério norte se aproxima, as chances de uma nova epidemia de gripe aviária aumentam. Isso ocorre uma vez que esse é o período de gripes no hemisfério norte, e caso um portador de gripe seja

contaminado por uma ave doente, seria criada uma situação propícia para mutações do vírus.

O vírus H5N1, que até o momento é transmitido basicamente de ave para ave e em menor escala de aves para humanos, poderia sofrer mutações e passar a ser transmitida entre humanos, aumentando as chances de uma pandemia global de influenza aviária ou gripe aviária. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a gripe aviária pode ocorrer em qualquer parte do mundo em função das migrações das aves. Todas as aves estariam susceptíveis a tal infecção, apesar de algumas espécies serem mais resistentes à infecção do que outras.

Especialistas acreditam que esforços internacionais coordenados seriam necessários para lidar com a doença, dada a expansão da gripe aviária na Ásia e Europa. Até o momento, a única medida eficaz no combate ao vírus é a vacina desenvolvida por cientistas húngaros, que evita o contágio entre animais e humanos.

O governo brasileiro vem adotando medidas tais como a fabricação e o teste de vacinas de forma a dominar a tecnologia e a reduzir seu prazo de produção. O Ministério da Saúde também adquiriu do laboratório Roche um lote de 9 milhões de kits de tratamento antiviral Tamiflu, que vem sendo estocado por diversos governos, o que inclusive teria

levado o laboratório a suspender o fornecimento em determinados países, como forma de garantir um estoque suficiente em caso de real necessidade.

Esse cenário levou os governos a se mobilizarem no sentido de que fosse realizado um encontro global da OMS, marcado para os dias 7, 8 e 9 de novembro. Na ocasião deverão ser discutidos os desafios a serem enfrentados devido ao vírus H5N1. Representantes dos governos, Organizações Não-Governamentais (ONGs) e demais agências da Organização das Nações Unidas (ONU) decidirão os próximos passos a serem tomados no controle da gripe aviária em animais e na preparação para uma pandemia de influenza humana.

Referência

Sites:

Banco Mundial

<http://www.worldbank.org/>

BBC Brasil

<http://www.bbcbrasil.com.br/>

Folha Online

<http://www.folhaonline.com.br/>

Organização Mundial da Saúde

<http://www.who.org/>

The Guardian

<http://www.guardian.co.uk/>

Conjuntura Internacional

Pontifícia Universidade Católica - MG

Presidente da Sociedade Mineira de Cultura: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Prof. Eustáquio Afonso Araújo

Vice-reitor: Pe. Joaquim Giovanni Mol Guimarães

Assessor especial da reitoria: Prof. José Tarcísio Amorim

Chefe de Gabinete do Reitor: Prof. Osvaldo Rocha Tôrres

Conjuntura Internacional

Chefia do Depto de Relações Internacionais: Prof. Paulo Esteves

Coordenação do Curso de Relações Internacionais: Prof. Paulo Esteves

Coordenação-Geral: Prof. Javier Vadell

Conselho acadêmico: Prof. Danny Zahreddine; Prof. Eugenio Diniz; Profa. Taiane Las Casas; Prof. Marco Paulo Gomes

Membros: Ana Flávia Lima Teles; Bárbara Gomes Lamas; Carolina Andressa Lima; Carolina Dantas Nogueira; Fernanda Assunção Soares; Jéssica Naime; Rafaella Arruda Melo Pereira; Sílvia H.G. Canêdo; Tiago Cerqueira Lazier; Wesley Robert Pereira.

Os textos aqui divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam a opinião oficial do grupo.

Av: Dom José Gaspar, 500 Prédio 04 - Coração Eucarístico - Belo Horizonte - MG - CEP 30535-901 Tel: (31)3319-4257 email: ci@pucminas.br website: <http://www.pucminas.br/conjuntura>